

**A renovação fichteana da filosofia da
imagem**

Christoph Asmuth
Privatdozent
Technische Universität Berlin
Tradução: Benedetta Bisol e
Erick Calheiros de Lima

**The fichtean renewal of the
philosophy's image**

Resumo: Este artigo pretende apresentar ao público brasileiro a leitura sobre a filosofia fichteana do Professor da Technische Universität Berlin, Christoph Asmuth, sobre um tema específico do pensamento de Fichte, a teoria da imagem. O texto foi originalmente apresentado como palestra no Departamento de Filosofia da UnB em 2014, como parte do projeto *Douta Ignorância*, coordenado pelo docente Herivelto Souza.

Abstract: This article presents to the brazilian public a reading of fichtean philosophy by Christoph Asmuth, Privatdozent at the Technische Universität Berlin. The text presents a specific theme of Fichte's thought, the Image Theory. This text was originally presented as a lecture at the Department of Philosophy at UnB in 2014, related to the project *Douta Ignorancia*, coordinated by Herivelto Souza.

Difícilmente um outro filósofo da época em torno do ano 1800 faria um uso tão vívido e inovador do conceito de imagem quanto Johann Gottlieb Fichte.¹ Este interesse de Fichte pelo conceito de imagem começa relativamente cedo, e se intensifica na época de Jena, ou seja entre 1793 e 1799, contudo ainda num contexto filosófico-conceitual tradicional. Apenas na fase posterior de sua filosofia, Fichte alcança o desenvolvimento de uma teoria da imagem própria e peculiar que,

entretanto, não se deve a uma reorientação e nem mesmo a uma inflexão no pensamento do filósofo, mas antes a uma radicalização, a uma intensificação. Gostaria de tentar, no que se segue, fornecer uma visão geral das etapas e dos resultados deste desenvolvimento. Pretendo proceder em cinco etapas. (1) Em primeiro lugar, gostaria de abordar o pano de fundo da teoria fichteana da imagem, referindo-me brevemente – e a partir da perspectiva dos filósofos por volta de 1800 – à filosofia crítica de Kant. Em seguida (2), gostaria de mostrar a posição inovadora de Fichte neste contexto, especialmente no que concerne a uma teoria da imagem. Depois disso (3), me concentrarei na especificidade de Fichte, a saber, a pedagogia baseada na teoria do corpo, que também não pode renunciar ao conceito de imagem. Por volta do ano 1800 se verifica na obra de Fichte um corte importante. Eis por que

¹ ASMUTH, Christoph: ›Die Lehre vom Bild in der Wissenstheorie Johann Gottlieb Fichtes‹, in: ASMUTH, Christoph (Hg.): *Sein – Reflexion – Freiheit. Aspekte der Philosophie Johann Gottlieb Fichtes* (Bochumer Studien zur Philosophie) Amsterdam 1997: 255-284; BETZLER, Monika: *Ich-Bilder und Bilderwelt. Überlegungen zu einer Kritik des darstellenden Verstehens in Auseinandersetzung mit Fichte, Dilthey und zeitgenössischen Subjekttheorien*. München 1994; BERTINETTO, Alessandro: ›Sehen ist Reflex des Lebens. Bild, Leben und Sehen als Grundbegriffe der transzendentalen Logik Fichtes‹, in: FUCHS, Erich / IVALDO, Marco / MORETTO, Giovanni (ed.): *Der transzendentalphilosophische Zugang zur Wirklichkeit. Beiträge aus der aktuellen Fichte-Forschung*. Stuttgart-Bad Cannstatt 2001: 269-306; BERTINETTO, Alessandro: ›Philosophie de l'imagination? Philosophie comme imagination. La Bildlehre de J.G. Fichte‹, in: GODDARD, Jean-Christophe / MAESSCHALCK, Marc (ed.): *Fichte, la philosophie de la maturité, 1804-1814. Réflexivité, phénoménologie et philosophie appliquée*, Paris 2004:55-74; BÜTTNER, Stefan: ›Spinozas präsentationstheoretische Konzeption als Vorläuferin der Fichteschen Bildtheorie‹, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 22 (2003): 49-57; DRECHSLER, Julius: *Fichtes Lehre vom Bild*. Stuttgart 1955; DANZ, Christian: ›Das Bild als Bild. Aspekte der Phänomenologie Fichtes und ihre religionstheoretischen Konsequenzen‹, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 18 (2000): 1-17; JANKE, Wolfgang: *Vom Bilde des Absoluten. Grundzüge der Phänomenologie Fichtes*. Berlin/New York 1993; LOOCK, Reinhard: ›Das Bild des absoluten Seins beim frühen und späten Fichte‹, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 17 (2000): 83-103; OEHLER, Klaus: ›Ein in Vergessenheit geratener Zeichentheoretiker des Deutschen Idealismus: Johann Gottlieb Fichte‹, in: LANGE-SEIDL, Annermarie (ed.): *Zeichenkonstitution. Akten des 2. Semiotischen Kolloquiums Regensburg 1978, Bd. I.*, Berlin/New York 1981: 75-81; OKADA, K.: ›Der erste Grundsatz und die Bildlehre‹, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 10 (1997): 127-141; POUVREAU, Ruth: ›Schöpferische Weltbetrachtung. Zum Verhältnis von Einbildung und Erkenntnis in Texten der deutschen Romantik‹, in: *Fichte-Studien. Supplementa* (Amsterdam/ New York) 15 (2002); REISINGER, Peter: *Idealismus als Bildtheorie. Untersuchungen zur Grundlegung einer Zeichenphilosophie*. Stuttgart 1979; SIEMEK, MAREK J.: ›Bild und Bildlichkeit als Hauptbegriffe der transzendentalen Epistemologie Fichtes‹, in: FUCHS, Erich / IVALDO, Marco / MORETTO, Giovanni (ed.): *Der transzendentalphilosophische Zugang zur Wirklichkeit. Beiträge aus der aktuellen Fichte-Forschung*. Stuttgart-Bad Cannstatt 2001: 41-63; TILLIETTE, Xavier, ›La théorie de l'image chez Fichte‹, in: *Archives de Philosophie*, 25 (1962): 541-554; VERWEYEN, Hansjürgen *Gottes letztes Wort. Grundriß der Fundamentaltheologie*. Düsseldorf 1991: 244-247.



apresentarei (4), no passo seguinte, o conceito niilista de imagem em Fichte, o qual lhe serve de elemento contrastante para o desenvolvimento de sua própria teoria, inovadora, da imagem. Apresentarei então, na parte conclusiva, tanto quanto seja possível na presente oportunidade, tal teoria (5).

1. O contexto histórico

A filosofia de Fichte, que no seu núcleo especulativo é *doutrina-da-ciência*, situa-se num campo teórico especificamente pós-kantiano. Isto tem, para o desenvolvimento da sua perspectiva teórica, decorrências de amplo alcance. Pretendo aqui recordar, de maneira apenas tangencial, algumas questões e tarefas essenciais que determinaram as discussões posteriores a Kant:²

(1) Em primeiro lugar deve-se mencionar a tarefa de transformar a crítica num sistema. A geração ulterior a Kant não queria se deter numa filosofia meramente crítica e depreendia, além disso, algumas alusões no próprio Kant segundo as quais mesmo o inaugurador da filosofia crítica pensava em transformar a sua filosofia num sistema. Sem dúvida, o problema do sistema foi para os filósofos posteriores a Kant uma questão relevante.

(2) Com isso se conecta a segunda tarefa. Kant tinha legado as três Críticas, uma depois da outra e, com certeza, seguido passos específicos de desenvolvimento, mas de tal maneira que, na redação da *Crítica da Razão Pura*, ele ainda não sabia em algum momento se se tornariam três Críticas. Numa palavra: as três Críticas não foram concebidas como um todo, não foram planejadas como um todo. Faltava o

“plano mestre”. Ao leitor atento isso não podia passar despercebido. A geração posterior a Kant procurava aqui por uma unidade, nas palavras de Kant, pela “raiz imperscrutável”, em que as faculdades humanas se conectariam.

(3) A terceira tarefa concerne à *Crítica da Razão Pura*: sentia-se como muito insuficiente que Kant tivesse deduzido as categorias – enquanto os mais importantes, elevados e puros conceitos-do-entendimento – a partir da lógica, derivando assim a tábua das categorias da tábua dos juízos. Para Kant, a lógica era ainda uma disciplina em si acabada, cujos conteúdos eram certos e duradouramente estáveis, uma ciência concluída também do ponto de vista formal. Kant estava convencido de que uma filosofia consistente teria de ser, ao fim e ao cabo, uma teoria do juízo. Por isso, a filosofia de Kant está inextricavelmente ligada com proposicionalidade [*Propositionalität*]. O juízo é para ele o lugar originário, do conhecimento e da verdade. Por conseguinte, os conhecimentos se conectam de maneira mediada, por meio dos juízos, com a lógica; sim, em última instância, os conhecimentos se fundam, no que concerne à forma, na lógica. Os filósofos do período entre Fichte e Hegel tinham interesses e posições completamente diferentes entre si a respeito daquilo que a filosofia é e pode ser, mas concordavam sobre um ponto: a lógica é uma mera disciplina auxiliar e não pode ser elevada ao nível de uma ciência no sentido completamente válido do termo. A lógica é um esqueleto seco, sem conteúdo, a partir do qual não lampeja nenhuma faísca de espírito vivo. Sob este aspecto, uma nova dedução das categorias era uma tarefa cuja importância nunca poderia ser superestimada.³

² Cf., por exemplo: FRANK, Manfred: ›Unendliche Annäherung‹. *Die Anfänge der philosophischen Frühromantik*. Frankfurt a. M. 1997.

³ ASMUTH, Christoph: ›Logik, Sprache, Wissenschaftslehre. Jena (1794) – Erlangen (1805) – Berlin (1812)‹ in: GERTEN, Martin (Hg.) *Fichte in Erlangen*. *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 34 (2009): 325-341.

(4) Um quarto ponto concerne aos problemas que Kant deixou do lado, ou melhor, dos quais se poupou, mas que continuaram, apesar disso, problemas virulentos da crítica. Em primeiro lugar, há que se mencionar sem dúvida a coisa-em-si. Além disso, o antagonismo entre sensibilidade e entendimento parecia exasperado. Trata-se aqui sobretudo da doutrina das duas fontes ou elementos do conhecimento, que era considerada como um dualismo mal disfarçado. A geração ulterior a Kant reconheceu na limitação do sujeito não apenas a sua despotencialização – Kant constatou os limites insuperáveis do conhecimento –, mas ao mesmo tempo uma restrição dos possíveis conteúdos para esta subjetividade. Não sem motivo, na época pós-clássica deflagrou-se justamente um interesse especial por conteúdos da história, da arte ou da religião. Estas eram as disciplinas nas quais – tal era a ideia dos indômitos jovens pensadores – se mostravam paradigmaticamente os lados infinitos da subjetividade.⁴

2. A representação [Vorstellung]: da representação [Repräsentation] à apresentação [Präsentation]

Frequentemente as soluções dos problemas são extraordinariamente bem-sucedidas justamente porque elas são uma chave com a qual se deixam abrir fechaduras completamente diferentes entre si. Uma tal chave é o famoso e famigerado “Eu” da primeira doutrina-da-ciência de Fichte, a *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre* de 1794/95.5 Esse “Eu” que se põe a si mesmo não significa, em primeiro lugar, nada de diferente da

completa imanência da consciência. Fichte acreditava que o fato de assumir um mundo de coisas independente do conhecimento é um mal-entendido da inteligência causado por ela mesma, um mal-entendido ocasionado pelas condições constitutivas de possibilidade localizadas por trás dela. Fichte reduz a teoria kantiana das duas fontes [do conhecimento n.d.t.] à teoria de uma fonte. Em vez da duplicidade de sensibilidade e entendimento, Fichte põe apenas o Eu. Mas como se deveria poder esclarecer a partir do Eu, que para todos nós aparece um mundo externo (fora de nós), enquanto mundo externo? Pelo que foi exposto até agora, deveria ter ficado claro que a razão disso não pode ser situada no mundo externo, mas apenas no Eu. Por isso, Fichte encontra no Eu uma forma indemonstrável do contrapor. A fórmula da disposição fundamental da doutrina-da-ciência, radicalmente construtivista, é: o Eu põe contra si mesmo um Não-Eu. Seja o que for aquilo que aparece no mundo externo como mundo externo, esse mundo é posto pelo Eu. O Eu é o originariamente ativo, é estado-de-ação⁶ [*Tathandlung*], energia, gênese.

A doutrina-da-ciência não é, nesta medida, uma teoria sobre o surgimento real do nosso mundo efetivo, mas sim, em exata correspondência com o fio condutor da filosofia transcendental, uma filosofia que investiga as condições de possibilidade do conhecer e do agir. Em Jena, a doutrina-da-ciência ainda possui duas partes, uma teórica e uma prática. A tarefa da parte teórica é a dedução da representação, isso significa, na terminologia da época, a dedução dos elementos estruturais da

⁴ ASMUTH, Christoph: »Von der Urteilstheorie zur Bewusstseinstheorie. Die Entgrenzung der Transzendentalphilosophie«, in: ASMUTH, Christoph (Hg.): *Kant und Fichte – Fichte und Kant*. Fichte-Studien (Amsterdam/New York) 33. (2009): 221-249.

⁵ Cf.: CLASS, Wolfgang / SOLLER, Alois K.: »Kommentar zu Fichtes »Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre««, in: *Fichte-Studien. Supplementa*, (Amsterdam/New York). 19 (2004), que apresenta também a literatura relevante sobre a maior obra de Fichte.

⁶ Quanto a esse ponto, a interpretação se aproxima muito à de Rubens Rodrigues. Torres Filho, em *O Espírito e a letra: a crítica da imaginação pura em Fichte*, publicado pela Editora Ática em 1975 [n.d.t.].



consciência empírica. A esses elementos pertencem, sobretudo, as categorias, assim como as formas puras da intuição, o tempo e o espaço. Por meio de uma forma particular de dialética, Fichte faz gerar do Eu com que inicia a doutrina-da-ciência um processo genético, no qual as categorias são deduzidas uma depois da outra e uma a partir da outra. Da interação das categorias com as formas da intuição resulta, em Kant como em Fichte, a estrutura da consciência do objeto. Ao final da parte teórica deve-se chegar à consciência efetiva, uma passagem que poderia ser designada como transformação das condições de possibilidade em condições da efetividade. De forma de todo compatível com Kant, Fichte reconhece na imaginação uma capacidade que media entre a intuição e o conceito puro e, através disso, possibilita a representação; mais intensamente do que Kant, aliás, penetra na sua função produtiva, o que significa aqui função criativa.

A imaginação não produz esquemas, como em Kant, mas antes produz a própria efetividade que aparece, a qual é, nessa medida, como imagem [*Bild*], representação [*Repräsentation*]. A questão de um conceito de imagem em Fichte tem que se orientar a partir deste primeiro projeto de uma capacidade de imaginação. A imaginação é uma faculdade de produzir imagens que, no processo de produção destas, nega a si mesma, e com isso possibilita que a imagem produzida surja se contrapondo a nós, como mundo externo. Enquanto em Kant a representação [*Vorstellung*] está em primeiro plano, como *representação* [*Repräsentation*], em Fichte ela vem a ser *apresentação* [*Präsentation*]. Enquanto Kant, mesmo que somente por razões metodológicas, marca

a coisa em si como ponto de fuga da representação, Fichte a elimina completamente. Esta é uma transformação significativa: a transformação da representação que representa à representação que faz presente [*repräsentierenden Vorstellung zu präsentierenden*]. Na *apresentação* não há mais aquele ponto de fuga, aquela ancoragem num mundo exterior, apreendido, seja como for, de maneira real.

Deixa-se então fixar um primeiro resultado: a imaginação é segundo Fichte uma faculdade de gerar imagens. As imagens geradas não são nada se não a realidade. O conceito de imagem desempenha aqui um papel bem específico, isto é, ele exercita uma mediação enquanto produção. A imagem [*Bild*] não é retrato [*Abbildung*], tão pouco a representação [*Vorstellung*] é uma representação de um mundo externo dado previamente. A imagem é a geração do imaginado [*des Abgebildetes*]⁷, por isso propriamente processo de formação [*Bildungsprozess*], assim como a representação [*Vorstellung*] é geração do representado [*des Vorgestellten*].

3. “[...] o ser humano é apenas indicado, e esboçado.”

A filosofia de Fichte está, entretanto, sob o primado do prático, da vida.⁸ Uma mera reconstrução dos elementos estruturais da representação, segundo as suas condições de possibilidade, seria para Fichte não apenas insuficiente, mas antes falharia completamente em cumprir a tarefa da filosofia. A filosofia deveria, segundo Fichte, acima de tudo, não ser apenas isso: – um intelectualismo abstrato. A doutrina-da-ciência deduz então a estrutura da ação como tal, mostrando que aquele vazio do

⁷ Daquilo que é mostrado na imagem [n.d.t.]

⁸ Cf.: ASMUTH, Christoph / METZ, Wilhelm (Hg.): *Die Sittenlehre J. G. Fichtes. 1798 – 1812*. Fichte-Studien (Amsterdam/New York) 27 (2006); BINKELMANN, Christoph: *Theorie der praktischen Freiheit. Fichte – Hegel*. Berlin 2007.

Eu inicial e originário, junto com o Não-Eu posto pelo Eu mesmo, obtém seus próprios conteúdos apenas no retorno a si mesmo. Esse retorno não é, todavia, uma referência meramente fática a si mesmo, e sim é caracterizado por Fichte como um dever-ser, como um imperativo de se tornar aquilo que se é originariamente, o apelo ao Eu de ser concorde consigo mesmo, numa palavra: o imperativo categórico ou a lei moral.⁹ Na doutrina dos costumes e no direito natural esta lei moral precisa de uma ancoragem no mundo. Precisa de uma incorporação.¹⁰ Esta, segundo Fichte, é o corpo, que nesse sentido é sempre uma função da lei moral. A corporeidade do ser humano não é, segundo Fichte, uma condição incontornável, mas sim uma expressão do atuar e do dever atuar, enfim, uma expressão da tensão entre Eu e Não-Eu e da exigência de que todo o Não-Eu se torne Eu.

A essa perspectiva corresponde uma concepção de corpo, segundo a qual a corporeidade humana não é entendida de modo estático.¹¹ Num trecho significativo de *Direito Natural* lê-se:

Não seria de maneira alguma uma determinidade da articulação, mas sim uma determinabilidade ao infinito; nenhuma formação do mesmo [do corpo; Ch. A.]. mas sim apenas formabilidade [Bildsamkeit] – dito brevemente, todos os animais são acabados e completos, o ser humano é apenas indicado.

Mais explicitamente que na filosofia teórica se mostra aqui o aspecto formador do conceito fichteano de imagem. Imagem [*Bild*], formação [*Bildung*] e formabilidade [*Bildsamkeit*] encerram um campo semântico que, no seu complexo, indica a relação do ser humano ao mundo. Ao mesmo tempo, Fichte se revela filho do seu tempo. O conceito de formabilidade [*Bildsamkeit*] cumpre no Iluminismo tardio um papel extraordinário. Com razão, pode-se indicar que a fonte de inspiração desse conceito reside em Jean Jacques Rousseau, e pode-se supor que esse termo traduza em alemão o conceito de *perfectibilité*.¹² Pelo menos, jaz à base dessa noção uma ideia similar, a saber: a ideia de que o ser humano, diferentemente do animal, que está preso ao instinto, é por natureza indeterminado e, por isso, aberto frente a posições diversificadas de fins. Novo em Fichte é o fato de que este conceito seja inserido sistematicamente no campo conceitual da imagem [*Bild*]. Nessa medida, a formabilidade [*Bildsamkeit*] não expressa apenas a possibilidade de modificação do ser humano, mas está ainda carregada, ao mesmo tempo, das implicações práticas de uma autodeterminação autônoma do ser humano, disposta ao aprimoramento de si mesmo e do mundo. Assim como a imaginação produz uma imagem do mundo externo sem o mundo externo, o ser humano deve ser imagem do Eu absoluto, imagem ativa, que produz, que

⁹ Sobre a filosofia prática, além disso, cf.: ASMUTH, Christoph. / METZ, Wilhelm (Hg.): *Die Sittenlehre J. G. Fichtes. 1798 – 1812*. Fichte-Studien (Amsterdam/New York) 27 (2006); DE PASCALE, Carla: *Etica e diritto. La filosofia pratica di Fichte e le sue ascendenze kantiane*, Bologna 1995; DE PASCALE, Carla: *Vivere in società, agire nella storia. Libertà, diritto, storia in Fichte*, Milano 2001; DE PASCALE, Carla: »Die Vernunft ist praktisch«. in: *Fichtes Ethik und Rechtslehre im System*, Berlin 2003; ZÖLLER, Günter: *Fichte's Transcendental Philosophy. The Original Duplicity of Intelligence and Will*, Cambridge 1998.

¹⁰ Cf. BISOL, Benedetta: *Körper, Freiheit und Wille. Die transzendentalphilosophische Leiblehre J. G. Fichtes*. Würzburg 2011; STACHE, Antje: *Der Körper als Mitte: Zur Dynamisierung des Körperbegriffes unter praktischem Anspruch*. Würzburg 2009.

¹¹ Cf.: ZÖLLER, Günter: »Setzen hält Leib und Seele zusammen. Fichtes transzendente Somatologie und das System der Vernunft«, in: STOLZENBERG, Jürgen (Hg.): *Kant und der Frühidealismus. System der Vernunft. Kant und der deutsche Idealismus* (Hamburg) 2 (2007): 129-151.

¹² Cf.: BUCK, Günter: *Herbarts Grundlegung der Pädagogik*. Heidelberg 1985.



forma *[bildend]*.¹³ A condição por isso é a formabilidade *[Bildsamkeit]*, que não significa a possibilidade de uma deformação arbitrária, mas sim a imagem do Eu absoluto produzida numa livre autodeterminação.

4. Doutrina-da-ciência como niilismo: »Imagens, sem algo de reproduzido [Abgebildetes], sem significado e fim«

Esta concepção, e particularmente também o seu pano de fundo político, foi acolhida pela maioria dos contemporâneos de maneira muito positiva. Não sem razão, Friedrich Schlegel mencionava a doutrina-da-ciência em conjunto com a revolução francesa e o *Wilhelm Meister* de Goethe.¹⁴ De maneira particular, a ligação entre especulações filosóficas altamente teóricas e o claro direcionamento à prática – que em casos extremos significa prática revolucionária – tinha convencido muitos intelectuais. Contudo, Fichte se tornou ao

mesmo tempo uma pessoa incômoda.

O pomo da discórdia não era então de modo algum a doutrina-da-ciência ou, talvez, os escritos políticos de Fichte, como se poderia justamente supor, mas a doutrina da religião. A partir do ano 1798, surgiram discussões insolúveis, que acusavam Fichte de ateísmo.¹⁵ Fichte interpretou isso como um ataque à sua convicção política. Por outro lado, ele achava as próprias posições religiosas inatacáveis. Para reforçar a própria estratégia defensiva, solicitou uma declaração pública a Friedrich Heinrich Jacobi.¹⁶ Jacobi, por seu lado, era considerado pelos intelectuais na Alemanha uma personalidade importante, e seu juízo tinha peso. Jacobi, ao mesmo tempo, estava envolvido em muitos conflitos literários. Poder-se-ia mesmo defender a posição de que o significado filosófico de Jacobi estivesse menos nos escritos dele e mais nesses conflitos, dentre

¹³ Cf.: WLADIKI, Michael: *Moralische Weltordnung, Selbstvernichtung und Bildwerden, seeliges Leben – Johann Gottlieb Fichtes Religionsphilosophie*. Würzburg 2007.

¹⁴ SCHLEGEL, Friedrich: *Philosophische Fragmente. Erste Epoche. II*, Nr. 216. KFSa 2, p. 198. – A frase é muito citada, contém, aliás uma certa ironia de fundo, como comprova a citação seguinte: »As três maiores tendências da nossa época são a d.[outrina-da-]c.[iência] W.[ilhelm] M.[eister] e a revolução franc.[esa]. Mas todas três são todavia apenas tendências sem uma execução completa.« [SCHLEGEL, Friedrich: *Philosophische Fragmente. Erste Epoche. II*, Nr. 662 (KFSa 18), p. 85]. Cf.: BIRUS, Hendrik, »Größte Tendenz des Zeitalters oder ein Candide, gegen die Poësie gerichtet? Friedrich Schlegels und Novalis' Kritik des Wilhelm Meister«, in: EIBL, Karl / SCHEFFER, Bernd: *Goethes Kritiker*, Paderborn 2007: 27-43.

¹⁵ Cf.: DE PASCALE, Carla: »Religion und Politik während des Atheismus-Streites«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 11 (1997): 179-195; GHIA, Guido: *Fichte nella teologia. Dall'Atheismusstreit ai giorni nostri*, Milano 2003; KODALLE, Klaus-Michael / OHST, Martin (Hg.): *Fichtes Entlassung. Der Atheismusstreit vor 200 Jahren*. Kritisches Jahrbuch der Philosophie (Würzburg) 4 (1999).

¹⁶ Sobre a relação entre Fichte e Jacobi cf.: AHLERS, Rolf: »Fichte, Jacobi und Reinhold über Spekulation und Leben«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 21 (2003): 1-25 e 229-235; AHLERS, Rolf: »Parallelismus und Transzendentalismus. Körper und autonomes Subjekt. Spinoza, Pascal und Jacobi«, in: ASMUTH, Christoph (Hg.): *Transzendentalphilosophie und Person. Leiblichkeit – Interpersonalität – Anerkennung*. Bielefeld 2007: 65-92; HAMMACHER, Klaus (Hg.): »Fichte und Jacobi«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/Atlanta) 14 (1998); IVALDO, Marco: »Vita e sapere fra Jacobi e Fichte«, in: *Annuario filosofico*, 9 (1993): 219-251; KAHLEFELD, Susanne: *Dialektik und Sprung in Jacobis Philosophie*. Würzburg 2000: 100-134; TRAUB, Hartmut: »Über die Grenzen der Vernunft. Das Problem der Irrationalität bei Jacobi und Fichte«, in: *Fichte-Studien*, 14 (1998): 87-106; TRAUB, Hartmut: »J. G. Fichte, der König der Juden spekulativer Vernunft – Überlegungen zum spekulativen Anti-Judaismus«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/Atlanta) 21 (2003): 131-150; ZÖLLER, Günter: »Das Element aller Gewißheit. Jacobi, Kant und Fichte über den Glauben«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/Atlanta) 14 (1998): 21-41.

os quais, o mais famoso dizia respeito ao espinosismo de Lessing.

Seja como for, Fichte esperava que Jacobi se declarasse a favor dele. E Jacobi respondeu. No caso particular de Fichte, ele se pronunciou com uma carta pública, na qual escreveu que achava toda a filosofia transcendental, que para ele eram Kant, Reinhold e Fichte, não ateísmo, mas sim niilismo (1799).¹⁷ Com isso, Jacobi renovava a própria crítica à filosofia transcendental, que considerava uma forma exacerbada de intelectualismo. Dessa maneira, naturalmente, não ajudava Fichte. A doutrina-da-ciência devia se ver assim exposta a uma outra acusação, não apenas de ateísmo, mas também de uma quase pior, a saber: a de niilismo. Jacobi tentava assim desacreditar a filosofia de Fichte e toda a filosofia transcendental no seu conjunto. Com isso, ligava os resultados da filosofia teórica, particularmente a doutrina kantiana da coisa-em-si, com a filosofia prática, particularmente com a crítica a uma mera religião do sentimento [religioso n.d.t.], e concluía daí que, no caso da filosofia transcendental, teria de se tratar de um irrealismo, que negava a existência do mundo externo e, ao mesmo tempo, contestava o significado do sentimento, do “pressentimento” [*Abndung*] do divino.

Contrapunha a isso o seu conceito de fé, usando o conteúdo equivoco deste para

designar o ato de considerar-como-verdadeiro um mundo externo, assim como uma imediatez religiosa, além de todo o intelectualismo.

E para caracterizar a posição contrária de Kant e de Fichte, usava o conceito, completamente novo à época, e ainda quase inocente, de niilismo.

Numerosas observações nos manuscritos póstumos de Fichte mostram quanto o pronunciamento de Jacobi lhe tinha sido penoso. Até os últimos anos, ou seja, até 1812 e 1813, acham-se reflexões que gravitam em torno do tema do *niilismo*. E também este tema está ligado com o conceito de imagem. Já a obra *A Destinação do Ser Humano*, do ano 1800¹⁸, que na pesquisa fichteana cumpre um papel muito ambivalente, deixa-se interpretar como uma reflexão sobre essa acusação de Jacobi.

Esta obra contém três partes. Na segunda parte, que aqui me interessa de modo particular, Fichte imagina um diálogo com um espírito que conduz o filósofo, imerso em dúvidas, ao ponto de vista da filosofia transcendental, contudo, meramente a uma posição teórica, que corresponde mais ou menos àquela que Jacobi critica na filosofia transcendental.

¹⁷ GA III, 3: 245. – Sobre a carta de Jacobi: BOWMAN, Curtis: ›Fichte, Jacobi, and the Atheism Controversy‹, in: BREAZEALE, Daniel / ROCKMORE, Tom (ed.): *New Essays on Fichte's Later Jena Wissenschaftslehre* (Evanston) III. (2002): 279-298; HAMMACHER, Klaus: ›Jacobis Brief 'An Fichte' (1799)‹, in: JAESCHKE, Walter (Hg.): *Transzendentalphilosophie und Spekulation. Der Streit um die Gestalt einer Ersten Philosophie (1799-1807)*. Hamburg 1993: 72-84; IVALDO, Marco: ›Filosofia trascendentale e nichilismo. A partire dalla ›Lettera a Fichte‹ di Jacobi‹, in: *Teoria. Revista di Filosofia*, 19 (1999): 19-37; KAHLEFELD, Susanne: ›Standpunkt des Lebens und Standpunkt der Philosophie. Jacobis Brief an Fichte aus dem Jahr 1799‹, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 21 (2003): 117-130; MÜLLER-LAUTER, Wolfgang: ›Über die Standpunkte des Lebens und der Spekulation. Ein Beitrag zur Auseinandersetzung zwischen Fichte und Jacobi unter besonderer Berücksichtigung ihrer Briefe,‹ in: GAWOLL, Hans Jürgen / JAMME, Christoph (Hg.): *Idealismus mit Folgen. Die Epochenschwelle um 1800 in Kunst und Geisteswissenschaften*. München 1994: 47-67.

¹⁸RADRIZZANI, Ives: ›Die Bestimmung des Menschen: der Wendepunkt zur Spätphilosophie?‹, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 17 (2000): 19-42; VERWEYEN, Hansjürgen: ›In der Falle zwischen Jacobi und Hegel. Fichtes Bestimmung des Menschen (1800)‹, in: *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie*, 48 (2001): 381-400.



Assim suspira o filósofo, que se apropriou de maneira radical da dúvida metódica cartesiana:

A representação [Vorstellung] é, para mim, apenas imagem [Bild], sombra de uma realidade; ela não pode, em si mesma, ser suficiente para mim, e em si mesma ela não tem o mínimo valor. Eu poderia satisfazer-me se todo esse mundo de corpos fora de mim desaparecesse numa mera representação [Vorstellung] e se dissolvesse numa sombra; o meu sentido não depende dele; mas, depois de tudo aquilo que aconteceu até aqui, eu não desapareceria menos que ela; eu me torno um mero representar, sem significado e sem finalidade. (FICHTE, GAI, 6: 248)

Aqui volta de novo o conceito de imagem, que já conhecemos: a imagem como imagem–representação [Vorstellung], como apresentação [Präsentation], produzida pela imaginação [Einbildungskraft], que projeta a imagem, uma imagem que existe sem que exista o conteúdo representado na imagem [Abgebildetes]. Fichte aborda ao mesmo tempo o desconforto que está ligado a essa posição: pois, o que significa ainda “realidade” num tal sistema? Tudo aquilo que pensamos, aprendemos, sentimos, não se torna tudo isso um mero sonho, uma imagem de imagens? A realidade como um todo não se torna um mundo de imagens? Fichte nos apresenta um mundo, dito de maneira dramática, que se dissolve completamente por si mesmo, e mais precisamente em si mesmo – imagem. Aqui a realidade não só se subtrai, ela não se furta simplesmente ao acesso cognoscente. Ela *sempre* já se evadiu, ela não existe de maneira alguma. Todo o ser é nada. Esse é o niilismo inaugurado de Jacobi.

Para formular isso de novo com as palavras de Fichte:

Em lugar nenhum há algo de duradouro, nem fora de mim, nem em mim, mas sim uma troca incessante. Eu não sei de nenhum ser, nem do meu próprio. Não há ser nenhum. – Eu mesmo não sei nada, e não sou, imagens são: elas são a única coisa que existe, e sabem de si, segundo o modo das imagens: imagens que pairam fugidias sobre, sem que o algo sobre o que pairam fugidias seja; ligadas [entre si] por causa de imagens das imagens, imagens sem algo representado na imagem [Abgebildetes], sem significado e fim. Eu mesmo sou uma dessas imagens; sim, eu mesmo não sou nem isto, mas apenas uma imagem difusa das imagens. – Toda a realidade transforma-se num sonho maravilhoso, sem uma vida que seja sonhada, e sem um espírito que aí sonha; em um sonho que, no sonho, depende de si mesmo. O intuir é o sonho; o pensar – a fonte de todo o ser e de toda a realidade em que eu me imagino, do meu ser, da minha força, dos meus fins, – é o sonho daquele sonho. (FICHTE, SWII: 251)

Fichte faz a caricatura, neste segundo livro, da concepção da filosofia transcendental proposta por Jacobi. À primeira vista parece dar razão a Jacobi, sugerindo que o segundo livro, que tem como título “Saber”, esteja reproduzindo o ponto de vista da doutrina-da-ciência. Pontos decisivos, porém, são revertidos em seu contrário: por exemplo, a afirmação de que o Eu, o ser pensante, seja uma imagem. A autocaricatura de Fichte oculta o fato de que o Eu-conceito deve ser entendido como a quintessência de toda a realidade.¹⁹ Sem esta posição central do Eu, como a “subjetividade-objetividade” que põe, produz e deixa surgir a realidade, como estado-de-ação, permanece-se num mero idealismo das imagens, sem um conceito substancial de realidade; do outro lado, esta autocaricatura

¹⁹ Cf.: *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre*, GAI, 2: 261 e 282.

não trata do que esse sujeito-objetividade é, ou seja, ao mesmo tempo, a quintessência de toda a energia. Aquilo que o espírito propõe aqui é um idealismo passivo, um idealismo que em lugar do ser põe um nada. Esse nada representa o lugar da coisa, da qual deriva uma teoria ingênua da representação. Se a coisa, o lugar do ser, é eliminada, permanece só uma representação sem o representado, uma imagem sem algo representado [*Abgebildetes*]. E, do lado da subjetividade, resta só um sonho destituído de substância. Todavia, mais importante do que esses dois motivos é ainda um terceiro: esta caricatura atrofiada da doutrina-da-ciência ignora completamente o primado do prático. Justamente tal primado pertence, segundo Fichte, às grandes conquistas da doutrina-da-ciência.²⁰ A realidade não é algo de previamente encontrado, seja isso também o Nada que, não importa de que maneira, é reproduzido [*nachgebildet*] na consciência, mas sim consiste na energia do agir, isto é, no mundo ético. O único Real para Fichte é a eticidade, e o mundo, a natureza, é real apenas na medida em que ela é compreendida à luz dessa eticidade.

A *Destinação do Ser Humano* mostra a ambivalência do conceito de imagem em Fichte. Por um lado, à imagem pertence aquela característica função da *doutrina-da-ciência* de produzir e formar [*bildende Funktion*]. Por outro lado, Fichte conhece também a imagem que re-presenta [*abbilden*], que é um eternamente segundo [elemento] desse originário. Esta imagem não é uma imagem que forma [*bildendes Bild*], mas uma imagem que re-presenta [*abbildendes Bild*]. A imagem é, nesse sentido, uma imagem subordinada, de segundo grau. Esta compreensão da imagem conduz, sob as premissas de uma teoria moderna do conhecimento, a um

mero sistema de imagens, a uma série de meras reproduções, que apenas se reúnem numa imagem, a saber, na consciência, sem que elas, de alguma forma, possuam realidade. Apenas o primeiro significado da imagem tem para Fichte uma função constitutiva, formadora de sistema, sobretudo em conexão com o primado do prático. A imagem que, formadora, forma, por isso, também a pedra angular de uma teoria da imagem que se encerra em si mesma numa autorreferencialidade total, como se mostra na filosofia tardia do Fichte.

6. A imagem na doutrina-da-ciência tardia: imagem da imagem da imagem

Johann Gottlieb Fichte desenvolve as suas novas reflexões fundamentais sobre o estatuto da imagem em suas doutrinas-da-ciência, começando com as três versões do ano 1804 e em seguida a cada uma das versões subsequentes das doutrinas-da-ciência. A doutrina-da-ciência de 1805 ocupa uma posição especial na obra completa de Fichte: em primeiro lugar, é preciso saber que Fichte naquela época – portanto, nos anos 1804/05 – fez exposições sobre a doutrina-da-ciência numa série muito compacta, por quatro vezes seguidas. A doutrina-da-ciência de 1805 foi a última dessa sequência e pode-se supor que ela seja uma espécie de resultado das precedentes. Além das designações já conhecidas para a consciência – a saber, representação, revelação ou imagem – aparece aqui uma outra: a designação *existência*. Por esse conceito, existência, Fichte indica um estrito parentesco entre ser e consciência. Existência é entendida por Fichte, de acordo com a sua doutrina-da-ciência, como aquela forma na qual o Ser é revelado. No curso de lições *Introdução à vida beata*, ministrado por Fichte

²⁰ Fichte escreve em 1800 a Reinhold e lhe explica a sua leitura da carta de Jacobi. Fichte escreve, »que Jacobi conhece só até a metade: [não conhece] de fato a parte prática. Isso me surpreende tanto mais porque eu sei que ele tem estudado diligentemente a minha doutrina dos costumes.« (GA III, 4: 180). à compreensão da doutrina-da-ciência por Jacobi ele opõe a frase muito citada: »O meu sistema é do começo ao fim apenas uma análise do conceito de liberdade.« GA III, 4: 182.



pouco tempo depois, trata-se do par conceitual Ser e Ser-aí [*Dasein*]. E como em quase todas as doutrinas-da-ciência tardias, também em 1805 ele denomina a consciência *imagem* [*Bild*]²¹. No típico estilo telegráfico do Fichte em seus escritos preparados para preleções, diz-se:

Imagem, que se põe ou forma a si mesma como imagem, contrapõe-se à não-imagem, porém como Ser em si, de si, através de si: através disso, os senhores e senhoras tenderão já agora, no começo, a admitir que esta imagem é saber [Wissen], na sua qualidade mais geral: [...]. (FICHTE, GA II, 9: 186)

“A imagem [*Bild*] que se põe a si mesma como imagem [*Bild*]”: esta formulação mostra a força formativa da imagem. Traduzido na terminologia do saber, isso significa: o saber se põe a si mesmo como saber, forma-se como saber, torna-se nessa autorrelação aquilo que ele é: saber. O conteúdo do saber é determinado como ser. A observação de Fichte propõe que o ser, na sua qualidade mais geral, que é aquele ser-em-si-de-si-atraves-de-si ou, numa palavra, o absoluto, não pode ser pensado ou conhecido fora dos limites da forma, pois pensar [*Denken*] e conhecer [*Erkennen*], o saber, são exatamente essa forma. Ponto que, aliás, contradiz o conteúdo, que é pensado como o absoluto fora dos limites de toda forma. O conceito de imagem desata em Fichte este problema de toda teoria abrangente acerca dos fundamentos da filosofia transcendental. A

imagem deve se compreender como imagem. Pois, em seguida, a imagem se determina não somente como imagem, mas como imagem daquilo que ela mesmo não é. Se a imagem se compreende a si mesma como imagem, contrapõe a si mesma, ao mesmo tempo, uma não-imagem, uma não-imagem cuja imagem é a imagem. Dessa maneira forma-se não apenas a imagem como imagem, mas esta forma também a não-imagem de que ela é imagem. Traduzido na terminologia do saber, isso significa: o saber deve se compreender como saber, algo que é possível ao saber, porque saber sempre é, ao mesmo tempo, possível saber de si, consciência sempre é, ao mesmo tempo, possível autoconsciência. Se isso acontece, então o saber sabe que é saber-de-algo, mas algo é sempre, na sua qualidade mais geral, ser.

Fichte nomeia aqui, aliás, não apenas a imagem como imagem, mas sim, nesta autocaraterização da imagem, ao mesmo tempo uma imagem da imagem. No pensamento imagem como imagem reside, ao mesmo tempo, o pensamento imagem da imagem. Esta nova imagem, que não é mais somente imagem de uma não-imagem, possui independência perante o ser, pois ela é existência “de uma imagem de relação que faz a si mesma absolutamente através de si mesma – e coincidente com o formar do Eu” (FICHTE, GA II,9: 192). A imagem é em si dinâmica, é verbalmente “formar” [*Bilden*]. Como já mostrado, o aspecto pedagógico no conceito fichteano

²¹ Cf: FALK, Hans-Peter: ›Existenz und Licht. Zur Entwicklung des Wissensbegriffs in Fichtes Wissenschaftslehre von 1805‹, in: *Fichte-Studien*, 7 (1995): 49-57; FERRER, Diogo: ›O significado do conceito em Fichte (1805)‹, in: *Revista filosófica de Coimbra*, 8 (1995): 407-438; FERRER, Diogo: ›Der Begriff der Existenz und der Gang der Wissenschaftslehre 1805‹, in: *Fichte-Studien*, 17 (2000): 259-267; GERTEN, Michael (Hg.): *Fichte in Erlangen. Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 34 (2009); JANKE, Wolfgang: ››Das Wissen ist an sich die absolute Existenz‹. Der oberste Grundsatz in Fichtes 4. Vortrag der Wissenschaftslehre, Erlangen im Sommer 1805‹, in: *Perspektiven der Philosophie. Neues Jahrbuch*, 22 (1996): 189-230; JANKE, Wolfgang: *Johann Gottlieb Fichtes ›Wissenschaftslehre 1805‹. Methodischsystematischer und philosophiegeschichtlicher Kommentar*, Darmstadt 1999; JIMÉNEZ-REDONDO, Manuel: ›Der aporetische Begriff der Erscheinung des Absoluten bei Fichtes WL 1805‹ in: *Fichte-Studien*, 20 (2003): 185-199.

do formar é tencionado num sentido sistemático, algo que muitos outros escritos e esboços tardios do Fichte confirmam. Formar a si mesmo como imagem é sempre, ao mesmo tempo, uma tarefa da formação [*Bildung*]. Este processo de formação deve tomar cada um de assalto e, mais precisamente, na totalidade da sua vida. Aquilo que cada um de nós é, o saber [*Wissen*], mesmo que seja de forma rudimentar, é mediado conceitualmente através dessa metáfora da imagem com o âmbito do prático, um âmbito que em Fichte é determinado principalmente pela autonomia, isto é, pela autoformação.

Na autorreferencialidade da imagem está contido que tem de haver não apenas uma imagem da imagem, mas também uma imagem da imagem da imagem. Como foi mostrado, a imagem da imagem surge através da ponderação [*Besinnung*], isto é, através reflexão. Sempre quando eu sei, sei algo. O saber nunca é pura e simplesmente vazio. Para chegar à doutrina-da-ciência, tem-se de abstrair e, mais exatamente, abstrair do 'algo' no saber-algo [*vom Etwas des Etwas-Wissens*]. Resta o próprio saber, que não vem à tona em nenhum saber-algo e, todavia, é condição de possibilidade disso. Esse saber é imagem da imagem, saber do saber-algo. Se se reflete novamente sobre esse saber, resulta disso o saber da doutrina-da-ciência, saber que Fichte designa como saber do saber e que, ao fim e ao cabo, é um saber do saber do saber.

Referências bibliográficas:

AHLERS, Rolf: »Fichte, Jacobi und Reinhold über Spekulation und Leben«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 21 (2003), 1-25; 229-235.

AHLERS, Rolf: »Parallelismus und Transzendentalismus. Körper und autonomes Subjekt. Spinoza, Pascal und Jacobi«, in: ASMUTH, Christoph (Hg.): *Transzendentalphilosophie und Person. Leiblichkeit – Interpersonalität – Anerkennung*. Bielefeld 2007, 65-92.

AMADIO, Carla: »Ästhetik und Politik von der Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 11 (1997), 99-112.

ASMUTH, Christoph: »Die Lehre vom Bild in der Wissenstheorie Johann Gottlieb Fichtes«, in: ASMUTH, Christoph (Hg.): *Sein – Reflexion – Freiheit. Aspekte der Philosophie Johann Gottlieb Fichtes* (Bochumer Studien zur Philosophie) Amsterdam 1997, 255-284.

ASMUTH, Christoph: *Das Begreifen des Unbegreiflichen. Philosophie und Religion bei Johann Gottlieb Fichte. 1800-1806*. Stuttgart-Bad Cannstatt 1999.

ASMUTH, Christoph: *Sein, Bewußtsein und Liebe. Johann Gottlieb Fichtes Anweisung zum seligen Leben*, hg., erläutert und mit einer Einleitung versehen v. Ch. Asmuth, Mainz: Dieterich'sche Verlagsbuchhandlung 2000.

ASMUTH, Christoph: »Das Schweben ist der Quell aller Realität«. Platner, Fichte, Schlegel, Novalis und die produktive



- Einbildungskraft«, in: AHLERS, Rolf (ed.): *System and Context. Early Romantic and Early Idealistic Constellations/System und Kontext. Frühromantische und Frühidealistische Konstellationen*. New Athenaeum/Neues Athenaeum (New York/Toronto) 7 (2004), 349-374.
- ASMUTH, Christoph / METZ, Wilhelm (Hg.): *Die Sittenlehre J. G. Fichtes. 1798 – 1812*. Fichte-Studien (Amsterdam/New York) 27 (2006).
- ASMUTH, Christoph: ›Tun, Hören, Sagen. Performanz und Diskursivität bei J. G. Fichte«, in: BOWMAN, Brady (Hg.): *Literarische Darstellungsformen der Philosophie im Umfeld von Romantik und Deutschem Idealismus*, Paderborn 2007, 77-93.
- ASMUTH, Christoph: ›Logik, Sprache, Wissenschaftslehre. Jena (1794) – Erlangen (1805) – Berlin (1812)«, in: GERTEN, Martin (Hg.): *Fichte in Erlangen*. Fichte-Studien (Amsterdam/New York) 34 (2009), 325-341.
- ASMUTH, Christoph: ›Von der Urteilstheorie zur Bewusstseinstheorie. Die Entgrenzung der Transzendentalphilosophie«, in: ASMUTH, Christoph (Hg.): *Kant und Fichte – Fichte und Kant*. Fichte-Studien (Amsterdam/New York) 33 (2009), 221-249.
- BERTINETTO, Alessandro: »Riflessione e riflessibilità: Il rapporto tra logica trascendentale e dottrina della scienza nella prima ›Tranzendentale Logik‹ di J.G. Fichte,« in: *Annuario Filosofico*, 15 (1999), 249-294.
- BERTINETTO, Alessandro: ›Sehen ist Reflex des Lebens. Bild, Leben und Sehen als Grundbegriffe der transzendentalen Logik Fichtes«, in: FUCHS, Erich / IVALDO, Marco / MORETTO, Giovanni (Hg.): *Der transzendentalphilosophische Zugang zur Wirklichkeit. Beiträge aus der aktuellen Fichte-Forschung*. Stuttgart-Bad Cannstatt 2001, 269-306.
- BERTINETTO, Alessandro: *L'essenza dell'empiria. Saggio sulla prima ›Logica trascendentale‹ di J.G. Fichte (1812)*, Napoli 2001.
- BERTINETTO, Alessandro: ›Philosophie de l'imagination? Philosophie comme imagination. La Bildlehre de J.G. Fichte«, in: GODDARD, Jean-Christophe / MAESSCHALCK, Marc (ed.): *Fichte, la philosophie de la maturité, 1804-1814. Réflexivité, phénoménologie et philosophie appliquée*, Paris 2004, 55-74.
- BETZLER, Monika: *Ich-Bilder und Bilderwelt. Überlegungen zu einer Kritik des darstellenden Verstehens in Auseinandersetzung mit Fichte, Dilthey und zeitgenössischen Subjekttheorien*. München 1994.
- BINKELMANN, Christoph: *Theorie der praktischen Freiheit. Fichte – Hegel*. Berlin 2007.
- BIRUS, Hendrik, ›Größte Tendenz des Zeitalters oder ein Candide, gegen die Poësie gerichtet? Friedrich Schlegels und Novalis' Kritik des Wilhelm Meister«, in: EIBL, Karl / SCHEFFER, Bernd: *Goethes Kritiker*, Paderborn 2001, 27-43.
- BISOL, Benedetta: *Körper, Freiheit und Wille. Die Transzendentalphilosophische Leiblehre Fichtes*. Würzburg 2011
- BLANKERTZ, Herwig: *Die Geschichte der Pädagogik*, Wetzlar 1992.
- BONDELI, Martin: *Das Anfangsproblem bei Karl Leonhard Reinhold. Eine systematische und Entwicklungsgeschichtliche Untersuchung der Philosophie Reinholds in der Zeit von 1798 bis 1803*. Frankfurt am Main 1995.
- BOWMAN, Curtis: ›Fichte, Jacobi, and the Atheism Controversy, in: BREAZEALE, Daniel / ROCKMORE, Tom (ed.): *New Essays on Fichte's Later Jena Wissenschaftslehre*

- (Evanston) Ill. (2002), 279-298.
- BUCK, Günter: *Herbarts Grundlegung der Pädagogik*. Heidelberg 1985.
- BÜTTNER, Stefan: »Spinozas präsentationstheoretische Konzeption als Vorläuferin der Fichteschen Bildtheorie«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 22 (2003), 49-57.
- CECCHINATO, Giorgia: »Fichtes Ästhetik. Eigene Reflexionen über Kunst und Wissenschaftslehre«, in: ZÖLLER, Günter (Hg.): *Grundbegriffe in Fichtes Spätwerk*, Fichte-Studien (Amsterdam/New York) 32 (2009), 161-168
- CECCHINATO, Giorgia: *Fichte und das Problem einer Ästhetik*. Würzburg: Ergon 2009
- CLASS, Wolfgang / SOLLER, Alois K.: »Kommentar zu Fichtes »Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre«, in: *Fichte-Studien. Supplementa*, (Amsterdam/New York). 19 (2004). 15
- DANZ, Christian: »Das Bild als Bild. Aspekte der Phänomenologie Fichtes und ihre religionstheoretischen Konsequenzen«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 18 (2000), 1-17.
- DE PASCALE, Carla: *Etica e diritto. La filosofia pratica di Fichte e le sue ascendenze kantiane*, Bologna 1995.
- DE PASCALE, Carla: »Religion und Politik während des Atheismus-Streites« in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 11 (1997), 179-195.
- DE PASCALE, Carla: »Die Vernunft ist praktisch«. *Fichtes Ethik und Rechtslehre im System*, Berlin 2003;
- DE PASCALE, Carla: *Vivere in società, agire nella storia. Libertà, diritto, storia in Fichte*, Milano 2001.
- DRECHSLER, Julius: *Fichtes Lehre vom Bild*. Stuttgart 1955.
- FALK, Hans-Peter: »Existenz und Licht. Zur Entwicklung des Wissensbegriffs in Fichtes Wissenschaftslehre von 1805«, in: *Fichte-Studien*, 7 (1995), 49-57.
- FERRER, Diogo: »O significado do conceito em Fichte (1805)«, in: *Revista Filosófica de Coimbra*, 8 (1995), 407-438.
- FERRER, Diogo: »Der Begriff der Existenz und der Gang der Wissenschaftslehre 1805« in: *Fichte-Studien*, 17 (2000), 259-267.
- FICHTE, Johann Gottlieb: *Transzendente Logik*, 1812.
- FICHTE, Johann Gottlieb: *J. G. Fichte-Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, hg. v. Lauth, Reinhard / Fuchs Erich / Gliwitzky Hans, Stuttgart-Bad Cannstatt 1962-2012.
- FRANK, Manfred: »Unendliche Annäherung. Die Anfänge der philosophischen Frühromantik. Frankfurt a. M. 1997.
- GERTEN, Michael (Hg.): »Fichte in Erlangen«, *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 34 (2009).
- GHIA, Guido: *Fichte nella teologia. Dall'Atteismusstreit ai giorni nostri*, Milano 2003.
- HAMMACHER, Klaus: »Jacobis Brief 'An Fichte' (1799)«, in: JAESCHKE, Walter (Hg.): *Transzendentalphilosophie und Spekulation. Der Streit um die Gestalt einer Ersten Philosophie (1799-1807)*. Hamburg 1993, 72-84.
- HAMMACHER, Klaus (Hg.): »Fichte und Jacobi« in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/Atlanta) 14 (1998).
- IVALDO, Marco: »Vita e sapere fra Jacobi e Fichte«, in: *Annuario filosofico*, 9 (1993), 219-251.
- IVALDO, Marco: »Filosofia trascendentale e nichilismo. A partire dalla »Lettera a Fichte« di Jacobi«, in: *Teoria. Revista di Filosofia*, 19 (1999), 19-37.
- JANKE, Wolfgang: *Vom Bilde des Absoluten*.



- Grundzüge der Phänomenologie Fichtes.* Berlin/New York 1993.
- JANKE, Wolfgang: »Das Wissen ist an sich die absolute Existenz«. Der oberste Grundsatz in Fichtes 4. Vortrag der Wissenschaftslehre, Erlangen im Sommer 1805«, in: *Perspektiven der Philosophie*. Neues Jahrbuch, 22 (1996), 189-230.
- JANKE, Wolfgang: *Johann Gottlieb Fichtes »Wissenschaftslehre 1805«. Methodischsystematischer und philosophiegeschichtlicher Kommentar*, Darmstadt 1999.
- JIMÉNEZ-REDONDO, Manuel: »Der aporetische Begriff der Erscheinung des Absoluten bei Fichtes WL 1805« in: *Fichte-Studien*, 20 (2003), 185-199.
- KAHLEFELD, Susanne: *Dialektik und Sprung in Jacobis Philosophie*. Würzburg 2000, 100-134.
- KAHLEFELD, Susanne: »Standpunkt des Lebens und Standpunkt der Philosophie. Jacobis Brief an Fichte aus dem Jahr 1799«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 21 (2003), 117-130. 16
- KODALLE, Klaus-Michael / OHST, Martin (Hg.): *Fichtes Entlassung. Der Atheismusstreit vor 200 Jahren*. Kritisches Jahrbuch der Philosophie (Würzburg) 4 (1999).
- LOOCK, Reinhard: »Das Bild des absoluten Seins beim frühen und späten Fichte«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 17 (2000), 83-103.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang: »Über die Standpunkte des Lebens und der Spekulation. Ein Beitrag zur Auseinandersetzung zwischen Fichte und Jacobi unter besonderer Berücksichtigung ihrer Briefe«, in: GAWOLL, Hans Jürgen / JAMME, Christoph (Hg.): *Idealismus mit Folgen. Die Epochenschwelle um 1800 in Kunst und Geisteswissenschaften*. München 1994, 47-67.
- OEHLER, Klaus: »Ein in Vergessenheit geratener Zeichentheoretiker des Deutschen Idealismus: Johann Gottlieb Fichte«, in: LANGE-SEIDL, Annermarie (Hg.): *Zeichenkonstitution*. Akten des 2. Semiotischen Kolloquiums Regensburg 1978, Bd. I., Berlin/New York 1981, 75-81.
- OESTERREICH, Peter L. / TRAUB, Hartmut: *Der ganze Fichte. Die populäre, wissenschaftliche und metaphilosophische Erschließung der Welt*. Stuttgart: Kohlhammer 2006.
- OKADA, Katsuaki.: »Der erste Grundsatz und die Bildlehre«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 10 (1997), 127-141.
- ONCINA Coves, Faustino: »Rechte oder Ästhetik als Vermittlung zwischen Natur und Freiheit: Ein Dilemma bei Fichte?«, in: FUCHS, Erich / IVALDO, Marco / MORETTO, Giovanni (Hg.): *Der transzendentalphilosophische Zugang zur Wirklichkeit. Beiträge aus der aktuellen Fichte-Forschung*. Stuttgart-Bad Cannstatt 2001, 361-379.
- POUVREAU, Ruth: »Schöpferische Weltbetrachtung. Zum Verhältnis von Einbildung und Erkenntnis in Texten der deutschen Romantik«, in: *Fichte-Studien. Supplementa* (Amsterdam/ New York) 15 (2002).
- QUINE, Willard v. O.: »Two Dogmas of Empiricism«, in: *The Philosophical Review*, 60 (1951), 20-43.
- RADRIZZANI, Ives: »Zur Geschichte der romantischen Ästhetik. Von Fichtes Transzendentalphilosophie zu Schlegels Transzendentalpoesie«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/Atlant) 12 (1997), 181-20.
- RADRIZZANI, Ives: »Die Bestimmung des Menschen: der Wendepunkt zur Spätphilosophie?« in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/New York) 17 (2000), 19-42.

- RADRIZZANI, Ives: »Von der Ästhetik der Urteilskraft zur Ästhetik der Einbildungskraft, oder von der kopernikanischen Revolution der Ästhetik bei Fichte«, in: FUCHS, Erich / IVALDO, Marco / MORETTO, Giovanni (Hg.): *Der transzendentalphilosophische Zugang zur Wirklichkeit. Beiträge aus der aktuellen Fichte-Forschung*. Stuttgart-Bad Cannstatt 2001, 341-369.
- REISINGER, Peter: *Idealismus als Bildtheorie. Untersuchungen zur Grundlegung einer Zeichenphilosophie*. Stuttgart 1979.
- SCHLEGEL, Friedrich: *Philosophische Fragmente. Erste Epoche. II*, Nr. 216. (Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe 2), 198.
- SCHLEGEL, Friedrich: *Philosophische Fragmente. Erste Epoche. II*, Nr. 662 (KFS 18), 85.
- SIEMEK, Marek J. (Hg.): *Natur, Kunst, Freiheit. Deutsche Klassik u. Romantik aus gegenwärtiger Sicht*. Fichte-Studien, Supplementa; (Amsterdam/Atlanta) 10 (1998).
- SIEMEK, Marek J.: »Bild und Bildlichkeit als Hauptbegriffe der transzendentalen Epistemologie Fichtes«, in: FUCHS, Erich / IVALDO, Marco / MORETTO, Giovanni (Hg.): *Der transzendentalphilosophische Zugang zur Wirklichkeit. Beiträge aus der aktuellen Fichte-Forschung*. Stuttgart-Bad Cannstatt 2001, 41-63.
- STACHE, Antje: *Der Körper als Mitte: Zur Dynamisierung des Körperbegriffes unter praktischem Anspruch*. Würzburg 2009.
- TILLIETTE, Xavier, »La théorie de l'image chez Fichte«, in: *Archives de Philosophie*, 25 (1962), 541-554. 17
- TRAUB, Hartmut: »Über die Grenzen der Vernunft. Das Problem der Irrationalität bei Jacobi und Fichte«, in: *Fichte-Studien*, 14 (1998), 87-106.
- VERWEYEN, Hansjürgen *Gottes letztes Wort. Grundriß der Fundamentaltheologie*. Düsseldorf 1991. Verweyen, Hansjürgen: »In der Falle zwischen Jacobi und Hegel. Fichtes Bestimmung des Menschen (1800)«, in: *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie*, 48 (2001), 381-400.
- WLADIKA, Michael: *Moralische Weltordnung, Selbstvernichtung und Bildwerden, seeliges Leben – Johann Gottlieb Fichtes Religionsphilosophie*. Würzburg 2007.
- ZÖLLER, Günter: »Das Element aller Gewißheit. Jacobi, Kant und Fichte über den Glauben«, in: *Fichte-Studien* (Amsterdam/Atlanta) 14 (1998), 21-41.
- ZÖLLER, Günter: »Setzen hält Leib und Seele zusammen. Fichtes transzendente Somatologie und das System der Vernunft«, in: STOLZENBERG, Jürgen (ed.): *Kant und der Frühidealismus*. System der Vernunft. Kant und der deutsche Idealismus (Hamburg) 2 (2007), 129-151.
- ZÖLLER, Günter: *Fichte's Transcendental Philosophy. The Original Duplicity of Intelligence and Will*, Cambridge 1998.